



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM GESTÃO PÚBLICA**

DIÊGO PAULA DE ARAÚJO

**O TURISMO NO CEARÁ PASSA PELO MUCURIBE, NO MORRO SANTA
TEREZINHA: UMA ANÁLISE DA GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS.**

REDENÇÃO

2018



DIÊGO PAULA DE ARAÚJO

**O TURISMO NO CEARÁ PASSA PELO MUCURIPE, NO MORRO SANTA
TEREZINHA: UMA ANÁLISE DA GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pós-Graduação
Lato Sensu em Gestão Pública da
Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira como
requisito parcial à obtenção do título de
Especialista em Gestão Pública.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra
Carvalho de Vasconcelos

REDENÇÃO

2018

DIÊGO PAULA DE ARAÚJO

**O TURISMO NO CEARÁ PASSA PELO MUCURIBE, NO MORRO SANTA
TEREZINHA: UMA ANÁLISE DA GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pós-Graduação
Lato Sensu em Gestão Pública da
Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira como
requisito parcial à obtenção do título de
Especialista em Gestão Pública.

Aprovada em: 13/04/2018

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Alessandra Carvalho de Vasconcelos (Orientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Profa. Dra. Marília de Franceschi Neto Domingos
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Profa. Me. Vanessa Ingrid da Costa Cardoso
Universidade Federal do Ceará (UFC)

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB (Sibiuni)
Biblioteca Setorial *Campus Liberdade*
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos - CRB-3 / 1219

Araújo, Diêgo Paula de.
A688a

O turismo no Ceará passa pelo Mucuripe, no Morro Santa Terezinha: uma análise da gestão de políticas públicas. / Diêgo Paula de Araújo.- Redenção, 2018.

35 f.; 30 cm. ; il. Col.

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gestão Pública do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, Redenção, 2018.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Carvalho de Vasconcelos
Inclui figuras e referências.

1. Turismo. 2. Santa Terezinha. 3. Política Pública.I. Título.

CDD 338.4781

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao ser superior que rege o mar, as estrelas, e o infinito;

Aos meus pais, Rejane Maria Ferreira de Paula e Francisco Carlos Ribeiro de Araújo pelo amor e incentivo da educação continuada;

Aos professores tutores de todas as disciplinas ministradas durante o curso de pós-graduação, em especial à professora tutora Maria Olga Almeida Lima Caracas pelo suporte e as orientações, mesmo nos momentos fora do ambiente virtual;

À Carlos Henrique Jucá Alcântara pelo importante apoio dado, junto de seu filho Saul Rodrigues Alcântara pela ajuda de aluguel de livros que me deram suporte e complementação na pesquisa;

Ao amigo Professor Doutor Eider de Olivindo Cavalcante pelas dicas de referências de bibliografias para se consultar e pela parceria de sempre no Acervo Mucuripe;

Ao Professor Doutor Eustógio Wanderley Correia Dantas pela doação de livros para o Acervo Mucuripe, que colaboraram para a fundamentação dessa pesquisa;

A todos os amigos de turma de 2016.2, em especial, Geney Silva, Ismael Luna, Ariadne Ribeiro, Milena Teixeira pelas caronas de Fortaleza à Redenção;

À querida amiga artista plástica Raimunda Alves de Sousa (Dona Mundinha) e Verinha Miranda do Acervo Cultural do Mucuripe Padre José Nilson (em memória), por ambas se dedicarem a guardar a memória do Mucuripe.

À Xico Aragão, José Osmar Filho, Dona Tatá pela disponibilidade nas informações obtidas através de conversas informais, que colaboraram ainda mais na compreensão no âmbito de transformação do bairro em diferentes épocas;

Ao Programa Nacional de Formação em Administração Pública que me possibilitou aprendizado nesta área das ciências sociais aplicadas através da Universidade Aberta do Brasil e da Universidade Internacional da Integração Lusofonia Afro-Brasileira;

À professora orientadora Alessandra Carvalho de Vasconcelos pela compreensão e orientação desse trabalho acadêmico;

A todo o corpo docente, direção e administração desta Universidade; e

A todos os moradores do Grande Mucuripe, que contribuíram e que contribuem sempre, direta ou indiretamente pela minha formação acadêmica e humana.

“O passado pode ser definido, o presente
se especula sobre ele” (Milton Santos)

RESUMO

O Mucuripe é um bairro histórico da cidade de Fortaleza, que a partir dos anos 1960 passa a ter nova dinâmica, incluindo-se aos poucos no roteiro turístico com a criação da Avenida Beira Mar. A partir da criação da Avenida, novos espaços foram sendo ocupados no entorno, e surge no final da década de 1970, como medida de política assistencialista, o Conjunto Santa Terezinha, através do plano governamental que atenderia mais de mil famílias, que coincide com a época da “descoberta” do Ceará pela “vocação turística”. Surgia a oportunidade dos moradores terem melhoria na urbanização local além de novos investimentos que pudessem favorecer também a comunidade. Nessa perspectiva, o presente estudo objetiva avaliar a atividade turística que se fixa no bairro Mucuripe e a gestão de políticas públicas do Estado relacionada ao assunto. Para tanto, adota-se como recorte o Conjunto Santa Terezinha, e como se deu esse processo do desenvolvimento local. A pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, realiza-se por meio de levantamento bibliográfico, de mapas, jornais, materiais acadêmicos e de conversas informais que contribuíram para um melhor entendimento do tema. Constatou-se que o programa estabelecido no bairro com fins residenciais passou a ganhar nova característica que o levou para um lugar de grande dinâmica de visitantes na comunidade motivados pelo turismo. Observou-se que com o expressivo número de visitantes no bairro, problemas como a valorização do solo e a violência trouxeram novos problemas sociais e transformaram o lugar turístico em um lugar perigoso, abandonado e espoliado. Em linhas gerais, a presente pesquisa evidenciou como resultados da análise qualitativa realizada que a política pública voltada para o turismo do Ceará não foi capaz de ser efetiva no Conjunto Santa Terezinha foco da investigação, e apontou a deficiência em não prever esse desgaste para a população residente.

Palavras-chave: Mucuripe. Santa Terezinha. Política pública. Comunidade. Turismo.

ABSTRACT

The Mucuripe is a historical district of the city of Fortaleza, which from the 1960s started to have new dynamics, gradually becoming part of the tourist route with the creation of Avenida Beira Mar. From the creation of the Avenue, new spaces were being occupied by the surroundings, and in the late 1970s, as a measure of welfare policy, the Conjunto Santa Terezinha, through a governmental plan that would serve more than one thousand families, coinciding with the time of the "discovery" of Ceará by the "tourist vocation ". There was an opportunity for residents to improve local urbanization and new investments that could also benefit the community. In this perspective, the present study aims to evaluate the tourist activity that is fixed in the Mucuripe neighborhood and the management of public policies of the related State. For that, the Santa Terezinha Complex is adopted as a cut-off, and how this process of local development took place. The descriptive research, with a qualitative approach, is carried out through a bibliographical survey of maps, newspapers, academic materials and informal conversations that contributed to a better understanding of the theme. It was found that the program established in the residential neighborhood began to gain new characteristics that led to a place of great dynamics of visitors in the community motivated by tourism. It was observed that with the expressive number of visitors in the neighborhood, problems such as land valuation and violence brought new social problems and turned the tourist place into a dangerous, abandoned and plundered place. In general terms, the present research evidenced as results of the qualitative analysis carried out that the public policy focused on tourism in Ceará was not able to be effective in the Santa Terezinha Joint Research focus, and pointed out the deficiency in not predicting this attrition for the population resident.

Keywords: Mucuripe. Santa Terezinha. Public policy. Community. Tourism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Recorte do Grande Mucuripe	19
Figura 2	Mapa do Recorte do Morro Santa Terezinha	23
Figura 3	Matéria de jornal sobre o Turismo no Morro Santa Terezinha	24
Figura 4	Empreendimentos turísticos que existiram no Morro Santa Terezinha.....	25

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAL	Academia ao Ar Livre
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
EMCETUR	Empresa Cearense de Turismo
IPLANCE	Instituto de Planejamento do Ceará
PDFOR	Plano Diretor de Fortaleza
PLAGEC	Plano do Governo do Estado do Ceará
PRODETURIS	Plano de Desenvolvimento do Turismo no Litoral do Ceará
PRODETUR	Plano de Desenvolvimento do Ceará
PROAFA	Programa de Assistências às Favelas da Região Metropolitana de Fortaleza

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. REFERENCIAL TÉORICO	14
2.1 O Turismo litorâneo cearense a partir dos processos de valorização do litoral.....	14
2.2 Mucuripe e o Grande Mucuripe e sua descrição	18
2.3 O Mucuripe “ganha” uma Avenida cartão postal e o Morro Santa Terezinha.....	19
3. METODOLOGIA	22
4. DISCUSSÕES E RESULTADOS	23
4.1 O Morro Santa Terezinha surge e conhece o turismo no Ceará	23
4.2 O PRODETUR no Ceará.....	26
4.3 Efeitos do PRODETUR no Ceará e o caso do Morro Santa Terezinha.....	27
4.4 Relato de moradores do Morro Santa Terezinha	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34

1. INTRODUÇÃO

O bairro Mucuripe é um dos bairros mais antigos de Fortaleza, que tem sua etimologia indígena traduzida por Theodoro Sampaio¹ em artigo publicado no *O Estado de São Paulo* em 1901, que significa “água ou rio dos mocós”, e ainda pelo escritor José de Alencar como “fazer alguém alegre” (SOUSA, 2007), onde o topônimo aparece pela primeira vez, figurando na cartografia brasileira das capitanias no ano de 1574, sendo o nome indígena mais antigo nas nomenclaturas geográficas existentes. (GIRÃO, 1979).

A história do bairro que se restringia até o século XIX, a uma pacata vila de pescadores, tem sua geografia socioespacial alterada com a implantação do porto do Mucuripe nos anos 1940 e a crescente industrialização que se instalava posteriormente ainda no século XX.

A valorização do litoral do Ceará a partir de 1920 é o fenômeno que garante novos usos e apropriações na parte litorânea da cidade, todavia somente na década de 1960 com a criação da Avenida Beira Mar, o lugar começa a ganhar nova dinâmica com a política de reordenamento territorial que seria fortemente conferida nas décadas seguintes com a expansão da “cidade turística” como consequência da valorização do solo e o surgimento da especulação imobiliária.

Dessa forma apresenta-se o seguinte questionamento: Como se caracteriza a atividade turística no bairro Mucuripe e a gestão de políticas públicas do Estado relacionada ao assunto?

Diante da importância do bairro para o município de Fortaleza, a presente pesquisa tem como objetivo geral avaliar a atividade turística que se fixa no bairro Mucuripe e a gestão de políticas públicas do Estado relacionada ao assunto. Para tanto, adota-se como recorte o Conjunto Santa Terezinha, e como se deu esse processo do desenvolvimento local.

O interesse pelo estudo do Mucuripe surge na tentativa do entendimento sobre a complexidade da interação na atividade do turismo na comunidade e a analisar a existência de políticas públicas vigentes na época.

O capítulo do Referencial Teórico apresenta um levantamento bibliográfico

¹Engenheiro Civil pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1876, trabalhou pelo interior da Bahia e de Minas Gerais obtendo profundo conhecimento sobre a geografia, a geologia, a antropologia e a história dos sertões.

sobre o fator relevante que propiciou a vivência de prática de turismo em Fortaleza, com uma breve história da valorização do litoral, a partir da área central da cidade com direção a área leste com a criação da Avenida Beira Mar, e a posterior criação do Conjunto Santa Terezinha com a experiência de turismo na comunidade.

Como metodologia, o segundo capítulo expõe os passos realizados para o alcance do objetivo proposto a partir de levantamento bibliográfico, da compreensão de mapas, jornais, análise de dissertações de mestrado e teses de doutorado, e ainda conversas informais que contribuiriam para um melhor entendimento do tema.

No terceiro capítulo, traça-se uma breve história do bairro Mucuripe avaliando-o conjuntamente com possíveis políticas públicas do Estado que “transformaram” essa área da cidade em região turística, e encontrar possíveis respostas para a descontinuidade do turismo de massa nessa específica comunidade, que também foi feito um levantamento bibliográfico. A partir da exposição da análise e discussão de resultados, é feita uma avaliação do fenômeno da “turistificação”, a partir das observações feitas que só foram possibilitadas através das falas das pessoas contatadas.

A partir disso, são apresentadas as considerações finais, descrevendo o contexto de políticas públicas de turismo diretas no Conjunto Santa Terezinha² do Grande Mucuripe, e a valorização do litoral como fator norteador de novas experiências para a cidade e o bairro.

² Chamado popularmente de “Morro” por estar erigido em cima de uma das grandes dunas da área territorial do Mucuripe.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O Turismo litorâneo cearense a partir dos processos de valorização do litoral

No século XX, a maritimidade no Ceará, adquire características diferenciadas das dos outros séculos.

Conforme Dantas (2011), as transformações de ordem cultural adquirem relevância maior, provocando abertura da elite em face dos espaços litorâneos, e essa transformação se materializa em Fortaleza, cidade a exercer papel preponderante no desenvolvimento das novas práticas marítimas no Ceará.

É na capital que essas práticas surgem, com os banhos de mar de caráter terapêutico, substituídos, com o tempo, por práticas vinculadas à sociedade de lazer em emergência (sobretudo os banhos de mar e o veraneio), práticas que, em oposição as primeiras, condicionam urbanização sensível das zonas de praia e se expandem na totalidade dos espaços litorâneos cearenses, com o veraneio.

Portanto, pode-se falar de uma cidade litorânea e possuidora de alma sertaneja, que orienta dois movimentos, característicos de valorização das zonas de praia: o primeiro em escala local, após 1920 – 1930 incorpora as zonas de praia de Fortaleza como espaço de lazer e de veraneio; o segundo, em escala mais ampla, após 1970, das novas práticas marítimas, especificamente com o veraneio, o qual afeta a totalidade dos espaços litorâneos do Ceará.

Indica-se movimento que direciona a cidade para o mar, sem enfraquecer lhe o caráter interiorano. Esta caracterização marca o início da litoralização do Ceará, processo ligado ao fenômeno da constituição da cidade moderna.” (DANTAS, 2011, p. 45).

A criação da cidade moderna justifica-se na constituição de uma periferia que se opõe ao Centro.

Dessa maneira, observa-se, de um lado, o deslocamento para o sul e oeste de Fortaleza, com o estabelecimento de bairro com “vocaçã” habitacional, notadamente os bairros de Benfica e Jacarecanga, e de outro lado, o deslocamento para leste e norte da cidade, respondendo a uma demanda³ por lugares de veraneio e de lazer, com a construção das primeiras chácaras, no atual bairro Meireles, e de residências secundárias na Praia de Iracema (DANTAS, 2011, p. 47)

³Essa demanda surge com o volume crescente de conflitos, tensões e greves no Centro da cidade, as elites ali residentes principiam, a partir de 1915, a se transferir para uma área distante e desocupada como a de Jacarecanga. A seguir, viriam Praia de Iracema (entre 1930 – 1940) e Aldeota (40/50 em diante), delineando maior visibilidade a novos espaços burgueses, reforçando assim a segregação socioespacial entre ricos e pobres na cidade (SOUSA *et al*, 2007)

Na perspectiva de transformação do desenvolvimento urbano que, a partir de 1927, o bairro Praia de Iracema foi ligado ao centro da cidade por meio de um sistema de avenidas (BEZERRA, 2016).

Novos anos registravam um grande processo de urbanização, a transformação para a parte nobre da cidade através de pavimentação de ruas, nivelamento de calçadas, energia elétrica em espaços públicos demonstravam o símbolo da modernidade chegando à cidade, contudo na segunda metade dos anos 1940, nota-se um desastre ambiental que provocaria fortes transformações na Praia de Iracema, onde essas transformações produziram consequências sociais, econômicas e também simbólicas para toda a cidade.

A construção do Porto do Mucuripe, no litoral leste da cidade, distante cerca de seis quilômetros da Praia de Iracema, provocou o avanço do mar, o que, por sua vez, causou danos irreparáveis à, então, nobre Praia de Iracema.

Começavam, igualmente, as primeiras movimentações de terra e a derrubada de uma grande duna, que se derramava até quase beira da praia, e de dezenas de coqueiros e cajueiros, árvores típicas do lugar, que denominavam a paisagem da Ponta do Mucuripe. (ESPÍNOLA, 2010, p. 238).

Conforme Bezerra (2016), o *status* de “nobreza” desse espaço da cidade, que valorizou terrenos à beira-mar, já estava consolidado em Fortaleza graças às sociabilidades que foram sendo construídas a partir dos anos 1920, como a presença da elite da cidade na praia para a prática de lazer, e, também, nas habitações construídas à beira-mar.

Após os anos 1940, confirma-se o processo de construção de cidade litorânea, com a valorização das zonas de praia como lugar de habitação, de lazer e de veraneio, e as classes mais abastadas voltam-se para a zona leste de Fortaleza, denotando e reforçando a urbanização da praia do Meireles, a partir do plano diretor de 1962.

Tal plano diretor orientou o crescimento da cidade para o litoral, com a construção da Avenida Beira-Mar⁴ (1963), que impôs a integração das zonas de praia à cidade, ora como equipamento público de lazer, ora como lugar de habitação das classes abastadas.

⁴Na administração municipal de Cordeiro Neto (1959 - 1963), a única obra realizada de acordo com as diretrizes do Plano Diretor da Cidade de Fortaleza – PDFOR - foi a Avenida Beira-Mar. Pelo fato de ser obra pública, tinha como recurso legal a desapropriação para fins de interesse público, sem a exigência de plano de reassentamento da população. Como resultado, a obra acarretou a valorização do solo urbano ao expulsar as camadas populares da área de intervenção e do entorno (ACCIOLY, 2008).

As praias, outrora associadas somente ao trabalho, à pesca, ao fedor e ao porto, ganham nova conotação. As práticas marítimas modernas aproximam novos segmentos da sociedade com os ambientes costeiros (PEREIRA, 2014, p. 8-9).

Dantas (2011) aborda que a construção da Avenida Beira-Mar (1963) explicita tendência de valorização do litoral por este segmento da sociedade, que havia feito deste espaço lugar privilegiado, no estabelecimento de clubes e de residências. Para o autor, as políticas públicas que referendam as ações privadas – com a construção de hotéis, de pousadas, de restaurante, de barracas e de estações aquáticas, bem como os loteamentos e arranha-céus que suscitam a verticalização da zona leste de Fortaleza (principalmente Aldeota e Meireles) constroem uma cidade litorânea capaz de responder a demanda crescente por espaços de lazer e turístico.

A primeira, relativa ao lazer resulta de demanda interna de uma classe privilegiada que se amplia gradativamente em face das classes menos abastadas. A segunda, relativa ao turismo origina-se de demanda externa, que aumenta no transcorrer dos anos (DANTAS, 2011, p.60).

Ao responder a essas demandas, a municipalidade investe na construção de calçadões e polos de lazer, nas zonas de praia.

Surgia então a partir da década de 1960, uma nova função social do lazer, se estabelecendo na direção leste da cidade, e no Mucuripe percebia-se gradativamente essa nova estética se fixando, promovendo a verticalização para o turismo e a hotelaria, deslocando parte da população menos favorecida que habitava na faixa de praia, para as ocupações ordenadas ou não, em cima dos morros das áreas próximas, como é o caso da criação do Conjunto Santa Terezinha, e a outra parte desta população para a região do farol do Mucuripe (Comunidade do Serviluz), adaptando gradativamente a consolidação da Avenida Beira-Mar na lista de novos lugares de recepção dos fluxos turísticos.

Segundo Dantas (2011), a cidade litorânea-marítima foi assim construída, com transformações que promoveram a passagem de uma sociedade interiorana para uma sociedade marítima, e a modificação de mentalidade se associava à evidenciação de novas relações com o meio ambiente e o espaço, suscita a valorização das zonas de praia no meio da sociedade local.

A cidade historicamente formada não vive mais, não é mais apreendida praticamente. Não é mais que um objeto do consumo cultural para os turistas, para o esteticismo, ávidos de espetáculos e do pitoresco (LEFEBVRE, 2011, p. 106).

A partir dos anos 1970, a valorização das zonas de praia pelo veraneio provoca

movimento peculiar na escala da estrutura do Ceará, que como resultado de modificação de relação dos homens com o meio litorâneo, esse movimento apoia-se na tecnologia que propicia redefinir a relação espaço-tempo permitindo percorrer mais rapidamente as distâncias.

Esta característica do mundo contemporâneo dá origem à urbanização das zonas de praia do Ceará, a partir da transformação artificial da natureza testemunhando a chegada do progresso com a construção de vias e instalação de linhas telefônicas e energia elétrica.

Ainda na mesma década, a crise mundial e a crise pós-milagre econômico brasileiro⁵, o turismo ganha espaço privilegiado na pauta das ações governamentais à medida que passa a representar “uma alternativa econômica” capaz de soerguer as economias deprimidas dos estados do Nordeste.

Nesses termos, o planejamento adotado, mesmo que automeado de regional, é fragmentador e seleciona determinados espaços, tornando-os competitivos e atrativos aos investimentos privados (nacionais e internacionais).

Surge então na gestão do Governador César Cals (1971 – 1974) o Plano do Governo do Estado do Ceará (PLAGEC) que adotou medidas que culminaram, em 1973, na constituição da Empresa Cearense de Turismo (EMCETUR⁶), momento em que se (re)descobre o Nordeste pelo turismo, e massivamente na mesma década, já propagava-se a semente da imagem turística cearense, através do *slogan*, “Fortaleza Cidade da Luz”.

Tal processo insere-se numa característica de dinâmica da economia mundializada que é procurar “... novas paisagens e espaços exóticos nas periferias cada vez mais distantes dos lugares centrais e das aglomerações industriais de seus núcleos hegemônicos” (BENEVIDES, 1998, p.51).

No processo inicial da valorização turística do litoral vão se proliferando pequenos e médios hotéis e pousadas sem estrutura condizente com os turistas mais exigentes – distribuídos ao longo de toda a orla marítima, de forma dispersa e incipiente bem como fragilmente conectada com as condições infra-estruturais, sociais e ambientais das respectivas localidades.

⁵A estrutura produtiva passava por grandes mudanças, ganhando força a atividade industrial, ainda que com o controle estratégico do Estado sobre alguns setores. Com essa nova dinâmica o processo de urbanização se intensificou (MAMEDE, 2011, p. 75).

⁶Destinada à promoção do turismo do Ceará, através de ações coordenadas pelo Governo Estadual, esta atividade no Estado tinha uma ínfima importância sobre sua estrutura socioespacial, o que se refletia na ausência de ações por parte do poder público.

Essa geografia proporciona também condições para a emergência de novos valores e imagens (re)articulados com a “cultura local” e de novas relações entre os primeiros ocupantes e “nativos”.

Grande parte destes, inclusive comunidades pesqueiras, tem atitudes favoráveis a turistificação, ao contrário de alguns proprietários de “segunda residência”, que veem no turismo uma ameaça a seus refúgios de descanso e refrigério e uma invasão a suas idílicas privacidades.

No final dos anos 1970, nos morros do Mucuripe, surge um novo conjunto que inicialmente destinado para habitação, anos mais tarde com a “vocação turística” do Ceará, passa a ser ocupado anos mais tarde, no início dos anos 1990, principalmente por bares e restaurantes, atraindo novos visitantes na comunidade pela gastronomia diversificada e pelo visual único visto do alto da duna que anterior a ocupa o de prédios altos na orla, permitia ter uma característica exclusiva na cidade.

Todavia a cidade estava em pleno crescimento, e a forma de desenvolver ainda mais a região leste, foi na tentativa de priorizar a oes que viessem causar profundas transforma oes socioespaciais com a economia do turismo promovendo conseqüentemente a constru o da cidade para o outro, prejudicando a popula o residente causando gradativamente desgaste e problemas sociais que serão avaliados ao longo da pesquisa.

No capítulo seguinte, analisaremos o bairro, suas dimensões e a política pública ocorrida no Ceará que possibilitou a existência do turismo no lugar, e de que maneira a comunidade interagiu com esses novos visitantes, e entender porque esse processo teve descontinuidade após quase duas décadas ainda no final do século XX.

2.2 Mucuripe e o Grande Mucuripe e sua descri o

Mucuripe   um bairro de Fortaleza localizado na zona leste da cidade, ao longo da enseada hom nima, às margens do Riacho Maceió, possuindo em suas delimita oes oficiais uma área de apenas 0,87 km² e uma popula o de 13.747 habitantes.

Todavia, enquanto constru o social, o bairro extrapola seus limites político-administrativos atuais, tornando impossível sua análise sem considerá-lo de forma

ampliada, analisando-o conjuntamente com os bairros Varjota, Cais do Porto e Vicente Pinzón, o chamado **Grande Mucuripe**⁷ (Figura 1).

Figura 1 – Recorte do Grande Mucuripe



Fonte: *Google Maps*.

Para Cavalcante (2017), considerando que a paisagem possui a complexa capacidade de guardar os diversos momentos da produção espacial e que sua análise se constitui como ponto de partida fundamental para a compreensão do espaço geográfico e de seu conteúdo, procura-se partir da apreciação da paisagem urbana desse fragmento do litoral de Fortaleza.

Evidenciam-se, ao nível do aparente e do imediato, os elementos que melhor expressam sua complexidade, densidade e heterogeneidade socioespacial: a opulência da valorização do espaço associada ao mercado imobiliário e ao turismo; a dinamicidade da atividade portuária e industrial; a tradição da atividade pesqueira; a obstinação da apropriação popular. (CAVALCANTE, 2017, p. 28).

A presente pesquisa se dá a partir da Avenida Beira Mar (parte litorânea do bairro) com análise no Morro Santa Terezinha, lugar onde o turismo de massa⁸ esteve mais presente a partir dos anos 1980 até começo dos anos 2000.

2.3 O Mucuripe “ganha” uma Avenida cartão-postal e o Morro Santa Terezinha

⁷ Grifo nosso.

⁸Também conhecido por ‘Turismo de Classe’ ou ‘Grande Turismo’, sob todos os aspectos é o mais importante devido à expressiva quantidade de turistas envolvida tanto nos fluxos internacionais como no interno, porquanto reúne estratos que formam a classe média, incluindo-se aí os profissionais liberais, funcionários categorizados, empresariais e públicos, que desfrutam de relativa disponibilidade de meios econômico-financeiros, contando com subvenções ou poupanças próprias. (BENI, 2007, p.468)

O Mucuripe pacato em toda sua extensão de orla habitada por pescadores e pessoas mais simples, com o expressivo reflexo e acelerado crescimento nesta área da cidade, através da expansão do porto e a indústria, obteve como consequência desse processo, o problema da favelização.

Conforme cita Girão (1998, p. 32),

Entre as décadas de 1940 e 1950, a Praia do Mucuripe, pertencente ao que se denomina hoje de Beira Mar, de morada de pescadores, passou a receber uma população oriunda de outros pontos da cidade e do interior do estado.

Com a valorização do espaço litorâneo crescente na direção oeste (Praia de Iracema), e o avanço da urbanização para a Praia do Meireles, surgia-se a necessidade de organizar a urbanização no Mucuripe também, e é com o Plano Diretor do ano de 1962 que se legitima a orientação da cidade para o litoral, fator este que se concretiza com a criação da Avenida Parque Beira Mar⁹ e impulsiona gradativamente a inserção do turismo, impondo a partir de 1963, a integração da zona de praia à cidade (GARCIA, 2010).

O “Parque da Beira-Mar” deverá ter um tratamento especial e oferecer facilidades para instalação de bares, restaurantes, balneários (por um sistema de concessões estudado para esse fim). As construções em alvenaria, desapropriadas, serão aproveitadas para instalação dessas facilidades, assim como para colônias de férias (administradas pela Prefeitura ou Serviços Sociais). Para atingir esses objetivos, será necessária a ação conjunta dos Departamentos ligados aos problemas de turismo e desportos e das Secretárias de Educação da Prefeitura e do Estado do Ceará.

O local de estacionamento de jangadas deverá ser designado como zona especial, para facilitar a atividade dos pescadores e preservar o caráter do local (FORTALEZA *apud* SOUZA, 1963).

Com esta lógica, aumentam-se gradativamente novas demandas pelo seu uso, e o bairro adquire uma nova estética urbana para o local, e precisava abrir novas ruas, avenidas e realocar as pessoas que eram removidas desta área para áreas próximas.

Coube as primeiras a zona do Farol e para os jangadeiros e outros moradores, a Praia do Futuro e adjacências (GIRÃO, 1998).

Segundo relato de Otacília Verçosa¹⁰ (conhecida no bairro por Dona Tatá) com quase 90 anos, que esteve presente antes, durante e depois desse processo de reordenamento de pessoas para a construção da Avenida nos anos 1960:

⁹Quando criada em 1963 foi denominada de Avenida Parque Beira Mar, tornando-se posteriormente em Avenida Presidente John Kennedy até 1991, quando voltou a ser oficialmente Avenida Beira Mar através da lei 6864/91.

¹⁰Informação fornecida por Otacília Verçosa, Presidente da Associação dos Idosos do Mucuripe para Diêgo Paula de Araújo, em 03 de Março de 2018.

“A cidade crescia, e ganhava um novo espaço de lazer. Era necessário realocar essas pessoas mais simples do Mucuripe, dando-lhes oportunidade de ficar perto dentro do mar. O farol foi umas dessas opções, onde mais de mil pessoas foram para lá. Depois surgiu o Morro Santa Terezinha”. (Informação verbal).

No final dos anos 1970, como exemplo de política de planejamento de urbanização territorial, surge o Conjunto Santa Terezinha, na mesma época em que políticas públicas para turismo no estado, se fortaleciam e buscavam ocupar novas áreas de Fortaleza, encontrando na nova área lugar perfeito para se consolidar-se como turístico, fenômeno que só fortaleceria ainda mais nos anos 1980 e 1990.

A Beira Mar de Fortaleza, se integrava a orla do Mucuripe, tornando-se assim o primeiro ponto mais visitado de Fortaleza, e durante muitos anos, o Morro Santa Terezinha, com sua visão privilegiada, estaria logo atrás nesta posição, conforme o entrevistado José Osmar Filho¹¹ informa durante a pesquisa,

Depois da Beira Mar, o lugar mais visitado era aqui no bairro, muitos negócios do ramo de alimentação surgiram por conta da indústria que se instalou, porém é com o turismo no morro que esse negócio ganha mais visibilidade deixando de ser negócio de bairro para ser negócio turístico. (Informação verbal).

Os moradores do Morro Santa Terezinha, foco desta investigação, experimentavam a partir daí a vivência com a vista do alto do morro, para uma Aldeota rica e uma Beira Mar que aos poucos se “sofisticava”, disputando compartilhar turistas da orla com aquele espaço da comunidade criada inicialmente com finalidade exclusivamente residencial, começava-se então a fase turística do Santa Terezinha.

¹¹Informação fornecida por José Osmar Filho, proprietário do único restaurante que resistiu em funcionar até 2014 nas proximidades da entrada do conjunto, para Diêgo Paula de Araújo em 11 de Fevereiro de 2018.

3. METODOLOGIA

Segundo Kourganoff (1990), uma pesquisa científica é um conjunto de várias operações e trabalhos intelectuais ou práticas que possam transmitir a descoberta de novos conhecimentos, novas técnicas e a exploração de novas realidades. A metodologia científica é uma importante ferramenta não só para as orientações, como também para um bom planejamento.

Para o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso “O turismo no Ceará passa pelo Mucuripe, no Morro Santa Terezinha: uma análise da gestão de políticas públicas” foi utilizada a abordagem da pesquisa qualitativa, que melhor se adequou às exigências metodológicas da pesquisa.

Adicionalmente buscou-se estudar a história do bairro, com foco na construção do Conjunto Santa Terezinha, para poder compreender a produção socioespacial ao longo de seu desenvolvimento e de que forma esta área veio a interagir com a dinâmica turística e entender porque essa “fase” não teve continuidade baseada nas políticas públicas que foram ou não aplicadas.

Como procedimento metodológico, a pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, realiza-se por meio de levantamento bibliográfico, de mapas, fotografias, imagens digitais, arquivos de jornais (*O Povo*), dissertações de mestrado e teses de doutorado e de conversas informais que contribuíram para um melhor entendimento do tema. A coleta de dados aconteceu nos meses de fevereiro e março de 2018.

Destaca-se que as percepções de um determinado grupo de pessoas (03) permitiram que os respondentes fizessem descrições de suas opiniões e experiências enquanto moradores do local. Ou seja, nos resultados da pesquisa apresenta-se um relato das percepções de três moradores do Morro Santa Terezinha que foram selecionadas intencionalmente, a saber: (i) a Presidente da Associação dos Idosos do Mucuripe, (ii) o ex-proprietário de restaurante muito famoso no conjunto, e (iii) um dos moradores mais antigos da área que recebeu maior efetivação do turismo através da instalação de investimentos privados.

4. DISCUSSÕES E RESULTADOS

4.1 O Morro Santa Terezinha surge, e conhece o Turismo do Ceará

Na década de 1980, o Governo do Estado do Ceará deu início ao programa de remoção de favelas, criando alguns conjuntos habitacionais, dentre os quais o Conjunto Santa Terezinha (Figura 2), “construído em quatro etapas, de 1980 a 1983, pela Fundação Programa de Assistência às Favelas da Região Metropolitana de Fortaleza – PROAFA” (RAMOS, 2003, p. 72).

Os moradores que ali foram morar, eram de comunidades próximas dos morros, como o Morro do Teixeira, Buraco da Gia, Guabiru e Lagoa do Coração, que teriam a oportunidade de morar em lugar com mais qualidade de vida e urbanizado, sendo maioria dos moradores, ligados à pesca artesanal do bairro, e vivenciariam uma política assistencialista se concretizando após anos morando em condições de exclusão social.

Conforme Barros (2010, p. 8), “o Conjunto abrigava na época de sua inauguração 1.022 famílias, porém com a invasão com a construção de moradias irregulares nos anos 1990, este dado totalizaria em quase 2000 famílias nos anos 2000”.

Figura 2: Mapa do Recorte do Morro Santa Terezinha



Fonte: Arquivo de Lia Costa Mamede, 2011.

O objetivo da criação¹² do Conjunto Santa Terezinha era abrigar os moradores das favelas próximas ao Mucuripe, e assim deixar a área livre para a nova demanda social que chegava ao bairro (RAMOS, 2003, p. 72).

Vários anos após a implantação do conjunto, a atividade turística em Fortaleza inicia seu desenvolvimento e a comunidade do Morro Santa Terezinha começa a explorar o turismo, que passa a dividir espaço com a função original residencial.

Então quando Fortaleza passa a investir no turismo na década de 1990, o Governador Tasso Jereissati inaugurou a Praça do Mirante¹³, e os restaurantes começaram a se proliferar no que seria uma das mais bonitas vistas da cidade (Figura 3).

Figura 3: Matéria de jornal sobre o Turismo no Morro Santa Terezinha



Fonte: Arquivo Pessoal de Raimunda Alves de Sousa (Dona Mundinha) – O Povo 1998

A área onde se localiza o Mirante (Figura 4), inicialmente ocupada pela

¹²A criação do conjunto habitacional ora citado fazia parte da política de erradicação de favelas, adotada por parte do poder público em uma estratégia de conciliar os interesses da classe média que passava a eleger outros pontos da cidade para fixar moradia.

¹³Atualmente, a praça se encontra reformada, com um posto de polícia militar e com equipamentos de ginástica do Projeto de AAL (Academia ao Ar Livre) do Governo do Estado, contudo espaço este frequentado no geral por moradores da localidade do entorno.

população de baixa renda, constituiu-se¹⁴ posteriormente de um espaço de lazer, com bares e restaurantes e atividade turística era fortemente explorada.

Figura 4 – Empreendimentos turísticos que existiram no Morro Santa Terezinha

Para beber e comer no morro	
Osmar	– Um dos mais tradicionais do pedaço. Rua São João, 149. Informações: 263.2812.
Lúdico	– Bar e danceteria. Música ao vivo e som ambiente. Rua do Mirante, 161 - Morro Santa Terezinha. Informações: 263.1545/6166.
Convés	– Rua Samburá, 4. Restaurante com vista para o Morro Santa Terezinha. Informações: 263.3077. Aberto para almoço e jantar.
Alfredo, o Rei da Peixada	– Rua do Mirante, 21. A melhor e mais tradicional peixada da cidade. Aberto para almoço e jantar. Informações: 263.1711.
Mestre Antônio	– Rua do Mirante, 127. Comidas típicas, espetinho e muqueca de arraia, entre outros. Informações: 263.3238.
Albatroz	– Rua do Mirante, 166. Peixes, carnes e petiscos. Restaurante com mesas ao ar livre.
Tudo em Cima	– Rua do Mirante, 167. Restaurante fechado, com ambientação requintada. Informações: 263.2777.
Biquara Frita	– O Machadinho - rua Alto Bonito, 140. O Machadinho, dono do restaurante, tem fama de ser o melhor cozinheiro do Morro Santa Terezinha.
Alô Brasil	– Bar e restaurante com telefones em cada mesa para conversas internas. Rua do Mirante, 21. Morro Santa Terezinha. Informações: 263.3309.

Fonte: Guia Turístico Quatro Vezes Fortaleza (Escóssia, 2000).

Conforme vê-se no jornal *O Povo*, de 1993, a prefeitura¹⁵ também destacava a necessidade de consagrar vocação turística para esta área do bairro:

Com data de 1979, o Código de Posturas de Fortaleza prevê o Santa Terezinha como área residencial e, em consequência, o comércio é restrito. A beleza da área, de onde se descortina a mais bonita vista da cidade, motivou a instalação de restaurantes. Já são quase vinte, afora os pequenos bares. Comerciantes reclamam do alvará de funcionamento. Para o Prefeito, a solução, enquanto o novo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, em fase de elaboração dos planos setoriais não é aprovado pelo Executivo, é a prefeitura “administrar” a questão como vem fazendo, dentro do “bom senso” e “firmeza”.

A área residencial, inclusive a do Conjunto Santa Terezinha, vem sofrendo processo de mudança constante. Reconhecendo a vocação turística é que a nova legislação deve considerá-la como área especial polo-gastronômico – atualmente não contemplado na lei de uso e ocupação do solo urbano (*O Povo*, p. 17, 17. Jul. 1993).

Entende-se que a área de residência para moradores mais simples, passou a ter visibilidade maior através de novos espaços para ocupação turística, e encontraram no alto do morro, o lugar perfeito para realizar seus empreendimentos.

¹⁴Até os anos 2000, todos os bares e restaurantes resistiram em funcionar, porém a questão da insegurança foi fator crucial para encerrar essa época que marcou a história do lugar, inclusive gradativamente se desvinculando da rota das agências de turismo, sociedade fortalezense e moradores locais.

¹⁵ Gestão Municipal do Prefeito Antônio Elbano Cambraia entre os anos de 1993 a 1997.

Tais empreendimentos surgiram espontaneamente nesta área, atraídos pelo clima e pelo diferencial que se podia se ver do alto da duna, e a comunidade passava a interagir com os diversos visitantes, em sua maioria, turistas em quase todos os fins de semana do final dos anos 1980 e toda a década de 1990.

Conforme o entrevistado Xico Aragão¹⁶ cita,

As casas, em sua maioria de pescadores, passaram a ser compradas por donos de restaurantes da capital e estrangeiros, que aqui conseguiram utilizar-se da mão de obra dos próprios moradores como espécie de “troca”, os moradores tinham emprego e esse emprego era como se fosse, ajuda com aquela fase que estava se começando. (Informação verbal).

Na sequência, passa-se para a descrição do Programa de Desenvolvimento do Litoral do Ceará - PRODETUR e seus efeitos no Ceará.

4.2 O PRODETUR no Ceará

Dantas (2011) considera que o governo no Ceará suscitava forte intervenção em dois grandes domínios, o da indústria e o do turismo. Entende-se então que o turismo assim era apresentado como atividade econômica que dava rentabilidade, dado este que norteava as políticas públicas, na procura de novos lugares de ocupação.

Era a época em que no final dos anos 1980, seria lançado o Programa de Desenvolvimento do Litoral do Ceará (PRODETURIS), que se constituía em um esforço de planejamento territorial do turismo, que serviria anos mais tarde, em idos de 1990, de base para a criação do PRODETUR-CE¹⁷, a expressão maior dessas políticas.

Os investimentos aumentariam para o turismo, quando surge no Ceará, o Programa de Desenvolvimento do Turismo no Litoral do Ceará (PRODETUR-CE) na gestão do Governador Tasso Ribeiro Jereissati, que fundamentava elevar as condições de vida das populações residentes na região atingidas pelos projetos, através da massa de salários criados pelos empregos nos complexos turísticos instalados e nas atividades que supririam uma demanda derivadas destes complexos, e criariam condições para diversificar a base produtiva do litoral, dentro de uma política de governo, orientada para a interiorização e desenvolvimento das vocações econômicas. (BENEVIDES, 1998, p. 32).

Nessa perspectiva de desenvolvimento regional integrado, o PRODETUR tinha como diretrizes competentes das ações públicas do setor em síntese: (i) Associação do

¹⁶ Informação fornecida pelo museólogo e morador do Conjunto Santa Terezinha Xico Aragão para Diêgo Paula de Araújo em 11 de Fevereiro de 2018.

¹⁷Tinha como base de recursos o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), e o Banco do Nordeste, sendo organizado pelo Instituto de Planejamento do Ceará (IPLANCE).

desenvolvimento do turismo com a proposta de regionalização e interiorização dos investimentos governamentais; (ii) Fortalecimento das cidades e núcleos urbanos do litoral, de modo a criar condições de reduzir o papel fortemente polarizador exercido pela RMF; (iii) Desenvolvimento de atividades que induzam revigoração da base econômica regional; e (iv) Desenvolvimento da infraestrutura do litoral (sistema viário, abastecimento de água, esgotamento sanitário, limpeza urbana, telecomunicações).

Deste modo, o PRODETUR se apresentou como concepção estratégica de desenvolvimento regional para mapear e organizar o espaço físico de todo o litoral cearense.

O turismo como nova e expressiva atividade econômica do Ceará, associada aos valores culturais e aos padrões de consumo pós-industrial insere-se, contudo, contraditoriamente num ambiente social cuja maioria da população sequer compartilha dos patamares mínimos da modernidade (BENEVIDES, 1998, p. 40).

Como resultado positivo, o PRODETUR, avaliou-se a construção de um novo aeroporto internacional, a ampliação de vias litorâneas, e o processo de incorporação das zonas de praia à rede urbana estatal.

Os investimentos privados são os que terão maior destaque na cidade, haja vista, o caso do Morro Santa Terezinha em um determinado trecho do Conjunto.

Como resultado negativo, o PRODETUR não possibilitava prever avaliação definitiva e consequente dos resultados concretos de suas ações sobre as virtuais transformações espaciais, econômicas e sociais no litoral cearense.

Percebe-se ainda que este programa foi o que mais se destacou principalmente nos anos 1990, porém efetivamente não existia uma política pública direta que pudesse ser percebida e melhor implementada na comunidade do morro. Logo, era perceptível que esse Programa de fato não atingia diretamente

4.3 Efeitos do PRODETUR-CE no Ceará e o caso do Morro Santa Terezinha

Conforme Mamede (2011), a comunidade recebia aproximadamente cerca de duas mil pessoas nos fins de semana e uma nova efervescência começava a surgir.

A sociabilidade com a produção turística no local não duraria muito tempo, e resultado disso seriam as invasões nas encostas dos morros, imprevisíveis crises inflacionárias que afastariam novos empreendimentos turísticos, e a ausências de outras políticas públicas para educação e cultura, mudaram os rumos do espaço turístico

trazendo o medo para a comunidade que estava “habituada” a conviver com os turistas.

[...] quando o turismo ocorre em áreas povoadas (...) observa-se impacto geralmente negativo, ocasionando assim séria transformação nos valores, nas tradições, nas crenças, desestabilizando essas comunidades. Trata-se de um processo irreversível (BENEVIDES, 1998, p. 56).

Contudo, já começam a surgir sintomas e/ou questionamentos sobre impactos ambientais, especulação imobiliária, apropriação de terras supostamente comunais de pequenos agrupamentos tradicionais remanescentes que vivem nessas áreas, conflitos de terras e privatização e degradação de espaços públicos (praias, dunas e manguezais).

As exigências tecnológicas e organizacionais de construção e de operação desses empreendimentos turísticos tendem a ser preferencialmente supridas por ofertas de insumos.

Esse estilo de desenvolvimento, portanto, não possibilita a integração técnica intra-regional e o fortalecimento das estruturas econômicas locais. Portanto são atividades promotoras de um certo polo de desenvolvimento, mas não de um polo de integração, contrariando assim o discurso do desenvolvimento regional embutido nas propostas do PRODETUR no Ceará.

O turismo de massa surge assim como um novo ciclo econômico, associado a valores e consumos pós-industriais, numa sociedade cuja maioria da população sequer compartilha dos mínimos resultados positivos da modernidade, o que pode também causar sérios problemas de sustentabilidade.

Em relato ao jornal *O Povo*, Werdley Araújo relata: “Chegava a faturar até R\$30,00 por dia pastorando carro”. “Eu quase virava a noite, mas era bom. Nunca deixei de estudar e ainda conseguia ajudar minha família”. Dona Adelina, moradora há 20 anos, também lembra: “Eu vi o mirante nascer. Vi também ele se acabar. E espero vê-lo de volta. Como nos bons tempos” (Jornal *O Povo* 07. Fev. 2008 *apud* MAMEDE, 2011).

Um dos principais problemas dessa tipologia de turismo que se instalou no Santa Terezinha, foi a tendência a ser “devorador de paisagem”, degradador do meio ambiente e descaracterizador da cultura tradicional local.

Outro problema que não se previa, é que a produção em larga escala da imagem estereotipada do lugar no processo de globalização, destruiria gradativamente sua singularidade paisagística e cultural.

O Morro Santa Terezinha, vivia o fim dos “tempos de glória” no começo dos anos 2000 e o espaço turístico se encontrava abandonado, espoliado e descaso do poder público aumentava, onde a população exigia providências para melhoria do espaço para

os fortalezenses.

Novas perspectivas para este lugar só surgiriam a partir dos anos 2010, quando organizaram uma grande recuperação do espaço para a comunidade, porém ainda com dificuldade de fazer os fortalezenses se apropriarem do lugar novamente devido à péssima imagem que ficara no imaginário das pessoas.

Outros novos projetos de iniciativa do município, foram inclusos na agenda sem sequer que houvesse participação integrada da população, soma-se isso a demora no repasse de dinheiro para as obras, que também acabaram não acontecendo, conforme vê-se em outro exemplo mais recente de matéria publicada em jornal:

O secretário do Turismo de Fortaleza, Elpídio Nogueira, afirmou neste sábado, 21, que, até o final do ano, a Prefeitura de Fortaleza, em parceria com a empresa de material de construção Normatel, colocará em prática projeto de pintar a fachada das casas do Morro Santa Terezinha na cor branca. A inspiração do projeto é a ilha de Santorini, na Grécia, um vilarejo turístico cuja cor predominante das casas é o branco.

"Aqui é a porta de entrada de milhares de pessoas que vêm (a Fortaleza) via Porto do Mucuri. Assim como acontece na ilha de Santorini, lá na Grécia, você vê toda aquela área branca pintada, nós queremos fazer aqui também", afirmou o secretário.

Segundo Elpídio, há reunião na próxima semana com equipe da empresa patrocinadora e lideranças políticas da Capital para pôr em prática o projeto até o Natal deste ano.

A iniciativa vem junto a projeto de requalificação do Morro Santa Terezinha proposto pelo Governo do Estado e a Prefeitura. O projeto prevê a requalificação da área, com implantação de 30.000m² de gramado com irrigação, drenagem, guarda-corpo da escadaria com corrimão e um calçadão de 3.918m². Também será feita obra de contenção da encosta do Morro (O Povo, 21. Nov. 2015).

Em síntese, o que se percebe que as gestões públicas voltadas para o turismo Ceará nos últimos quarenta anos, é a preocupação em “modernizar” ou revitalizar espaços da cidade, incluindo áreas das comunidades, com base na impressão que o turista terá do local visitado, sem priorizar a cultura local e os reais desejos de melhoria para os moradores, colocando as comunidades, todavia em segundo plano.

Desta forma, a face da atratividade pode produzir concomitantemente o seu oposto, que é justamente a ausência de uma infraestrutura viabilizadora do acesso regular ordenado a esses atrativos, bem como ocasionar outros problemas para as pessoas e para o turismo consolidar-se, quando inserido no ambiente maior, cujas deficiências justamente impedem o seu desenvolvimento (BENEVIDES, 1998).

4.4 Relato de moradores do Morro Santa Terezinha quanto ao foco do estudo

As informações obtidas junto a três pessoas que participaram ativamente de todos os processos de transformação do lugar e do entorno são consideradas importantes para o alcance do objetivo proposto da presente pesquisa. Para tanto, são considerados na pesquisa três pessoas que foram selecionadas intencionalmente, a saber: (i) a Presidente da Associação dos Idosos do Mucuripe, (ii) o ex-proprietário de restaurante muito famoso no conjunto, e (iii) um dos moradores mais antigos da área que recebeu maior efetivação do turismo através da instalação de investimentos privados.

O primeiro respondente (i) é a Senhora Otacília Verçosa, Presidente da Associação de Idosos do bairro desde sua fundação no ano de 1963. Hoje com 90 anos, natural de Fortaleza, nos anos 1960 participou da construção da Avenida Beira Mar, dando suporte para as mais de mil pessoas que eram removidas daquela área para a reurbanização, atuando ainda como agente social, junto de outras lideranças durante a criação do Conjunto Santa Terezinha no final dos anos 1970.

É impressionante a sua capacidade de acumular lembranças, de estruturá-las e de forma espontânea, transmitir às gerações atuais, onde a mesma cita:

Naquela época, Fortaleza ganhava um cartão postal e o bairro crescia desenfreadamente, a orla surgia, e rapidamente vários casebres se formavam na sua extensão. Foi a época em que junto com outras lideranças consegui minimizar o problema deslocando essas pessoas mais simples para a região do farol. Mesmo assim, as dunas apresentavam alto número de pessoas em situação de extrema pobreza e risco. Os anos '70 marcaram o bairro com a criação do Conjunto Santa Terezinha, onde várias pessoas de comunidades próximas puderam ter a oportunidade da sua casinha. Um programa de assistência que merecia ser ampliado numa época onde a cidade se transformava para o turismo (Informação verbal).

O segundo respondente (ii) é o Senhor Francisco Aragão, conhecido como Xico Aragão, natural de Fortaleza, museólogo e ativista cultural que comprou uma casa no conjunto, mais precisamente na parte que mais se destacou por investimentos privados de bares, boates e restaurantes. Xico relembra sua atração por aquele espaço, que parecia ser uma vila de pescadores:

Eu andava com uma turma de amigos na faculdade aqui no alto da duna, era um tempo em que o conjunto era recém inaugurado, e aquela vista para a beira mar sem os prédios que hoje estão construídos na orla, era um lugar perfeito para se morar em uma parte do bairro que estava sendo desenvolvida lentamente, até com os próprios serviços básicos de infraestrutura, até que chegam os anos 80 e o cenário muda, as pessoas ludibriadas com o valor ofertado através da venda das casas começam a sair, e rapidamente se instalam “empreendedores” ávidos por um lugar com vista diferenciada na cidade (Informação verbal).

O terceiro respondente (iii) é o Senhor José Osmar Filho, ex-proprietário do Restaurante Osmar do Camarão, no qual se mostrou nostálgico com o auge dos restaurantes no bairro. O negócio que começara com seu pai, teve continuidade com os outros três irmãos dele, que com o desinteresse, deixaram o negócio tomar rumo somente com Osmar, o mesmo cita:

Os restaurantes do conjunto eram todos conhecidos pelo preço, pelo atendimento e pelo turismo.

O grande problema do turismo para a comunidade foram as mazelas (se referindo as drogas e a prostituição) que ficaram como marcas e que até hoje, estão presentes no imaginário das pessoas, coisa difícil de tirar.

Por isso depois de várias tentativas de manter o negócio, tive de fechar o restaurante e abrir um *buffet* no lugar.

Aquela época do morro ficou na lembrança nos bons tempos do nosso bairro.

Quem vinha ao Mucuripe, tinha certamente passar pela rota gastronômica do bairro (Informação verbal).

O relato foi adicionado de um descontentamento com relação ao espaço:

Os problemas do morro, não eram exclusivos da comunidade, era da gestão do município que não se preocupava em dar um ordenamento para a construção de bares ali. O problema aumenta quando ocuparam os morros no entorno daquele espaço, por pessoas advindas de outras partes da cidade, aquilo causou um “choque” com as pessoas que moravam aqui. As gangues colaboraram para afastar o turista, mas o problema era estrutural, começava na família e se estendia para o governo (Informação verbal).

E completa a sequência:

As pessoas desceram o morro para não mais voltar, e atualmente se percebem iniciativas do governo em dar essa característica “turística” de volta, mas a população, que anseia por melhoria na infraestrutura, saneamento, e um espaço cultural que permita que o próprio morador se apropriar do seu lugar na cidade. O turista tem vontade de vir aqui, mas a imagem negativa do lugar, não colabora mesmo que não tenhamos mais tantos problemas assim (Informação verbal).

Ao findar a conversa com os respondentes da pesquisa, pode-se perceber que a atividade turística implantada naquela parte do bairro, garantiu uma importante fase no contexto histórico de desenvolvimento pouco participativo. Porém, não mais se aponta atividade turística ali, mas se reconhece seu potencial para se desenvolver novamente de forma integrada com a população. Constatou-se um questionamento atual pela não efetivação de política pública direta para o turismo, com base nos planos que se desenvolviam para o Ceará.

Segundo os três participantes selecionados intencionalmente, o Morro Santa Terezinha se tornou comunidade turística com base na iniciativa privada, e não por iniciativa pública conforme se investia em larga escala no âmbito estadual, a partir dos planos de desenvolvimento do turismo do Nordeste.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou avaliar a atividade turística que se fixa no bairro Mucuripe e a gestão de políticas públicas do Estado relacionada. Para tanto, adotou-se como recorte o Conjunto Santa Terezinha. Dessa forma, este trabalho visa contribuir com um maior entendimento do contexto social em que Fortaleza, em especial o Mucuripe que se encontrava numa época em que a cidade passava a ter um direcionamento para a expansão litorânea com a visão “empreendedora” do turismo.

A valorização do litoral no Ceará é o fenômeno que construiu novas possibilidades de ocupações e apropriações de determinadas partes da cidade, permitindo modificar a mentalidade do povo com a integração da zona de praia ao contexto urbano a partir dos anos 1970, e massivamente a partir dos anos 1990.

O Mucuripe e suas diversas comunidades passam a conhecer o turismo, ainda mais quando se descobre a “vocalização turística” do Estado em abranger novas áreas que pudessem atender à crescente demanda de turistas motivados pelo cenário que o lugar disponibilizava.

Nesse cenário, destaca-se que o governo se utilizava de planos para incorporar a cidade a reurbanização e modernização, e a partir do turismo, conseguir uma maior rentabilidade financeira, sem priorizar a inclusão dos moradores do espaço habitado.

Avalia-se como exemplo dessa “incorporação” a área do Morro Santa Terezinha, onde grande potencial reside em sua vida comunitária conturbada pelos territórios heterogêneos, no qual os diversos processos de ocupação irregulares ocorridos ao longo dos anos criaram identidades diferentes sobre o mesmo lugar, problema este que se mesclava gradativamente aos investimentos de iniciativa privada.

Constatou-se que o Conjunto Santa Terezinha que passou a existir nos anos 1970, ganhou uma inesperada e espontânea dinâmica em face da proximidade com o mar, e sua população passou a se readaptar com esse novo contexto da turistificação, no qual, verificou-se a tentativa do governo, em transformar o Estado como um todo, em estado turístico sem efetivamente criar uma política pública direta de turismo nesta parte do bairro.

Foi possível constatar que o turismo no Morro Santa Terezinha ocorreu sem planejamento, embora fosse possível perceber esforços no modo geral de políticas públicas para o turismo no Ceará, todavia uma política pública ineficiente e indireta,

vigente na época.

Pode-se concluir que os planos de desenvolvimento para o turismo no Estado, “norteiam” mais a iniciativa privada, do que a iniciativa do setor público, o que constrói uma lógica que não dá sustentabilidade a longo prazo, tanto econômica quanto na própria preservação dos recursos naturais.

Avalia-se que a comunidade ficou durante bastante tempo sem ações de políticas públicas voltadas para segurança, para a cultura, e para o social em geral, o que causou o abandono do lugar, onde só se percebia a política pública voltada para o turismo e o aspecto econômico do ponto de vista privado.

Não se investia, em projetos que por ventura viessem a desenvolver de forma integrada a população residente, o que causou total desestrutura do conjunto, e que acarretaram outros problemas sociais, como o visível problema das gangues no final dos anos 1990, reflexo da total omissão do poder público.

Os conhecimentos adquiridos durante a produção deste trabalho de pesquisa fundamentam conceitos que permitem motivar novas pesquisas que possam complementar o entendimento sobre a formação social e histórica do Morro Santa Terezinha, diante da pesquisa embrionária que ora se apresenta.

Sugere-se a continuidade neste recorte do bairro, para que se possa entender ainda mais as deficiências do local, os pontos fortes e os pontos que se possam melhorar para a comunidade, criando novas possibilidades de interação e planejamento basicamente da comunidade com a cidade, para posteriormente poder fazer a inclusão com um possível turismo mais sustentável e social.

REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Vera Mamede. Planejamento, planos diretores e expansão urbana: Fortaleza 1960 -1992. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

BARROS, Michelly. O Buraco. Fortaleza: Apex Gráfica e Editora, 2010.

BENI, Mário Carlos. Análise Estrutural do Turismo. 12ª Ed. São Paulo. Editora Senac São Paulo, 2007.

BEZERRA, Roselane Gomes. Praia de Iracema. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016.

BENEVIDES, Ireleno Porto. Turismo e Prodetur – Dimensões e Olhares em Parceria. Fortaleza: Edições UFC, 1998.

CAVALCANTE, Eider de Olivindo. Os meandros do habitar na metrópole: expansão urbana e controle territorial na produção do litoral de Fortaleza. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. Mar à Vista: Estudo da Maritimidade em Fortaleza. 2ª Ed. Fortaleza: Edições UFC, 2011

ESCÓSSIA, Fernanda Melo da. Guia Cultural Quatro Vezes Fortaleza. Fortaleza. Edições Demócrito Rocha, 2000.

ESPÍNOLA, Rodolfo. Caravelas, Jangadas e Navio: Histórias do Ceará – Resgates e Contrastes. 2ª Ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2010.

GARCIA, Rachel. Da Rua da Frente à Beira Mar – Histórias de Pescador. Fortaleza. Lumiar Comunicação e Consultoria, 2010.

GIRÃO, Blanchard. Mucuripe: De Pinzón ao Padre Nilson. Fortaleza. Edições Demócrito Rocha, 1998.

GIRÃO, Raimundo. Geografia Estética de Fortaleza. 2ª Ed. Fortaleza: Edições Banco do Nordeste, 1979.

KOURGANOFF, Wladimir. A face Oculta da Universidade. Tradução Cláudia Schiling; Fátima Murad. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1990.

LEFEBVRE, Henri. O Direito à Cidade. 5ª Ed. São Paulo: Edições Centauro, 2011.

MAMEDE, Lia Costa. Visitabilidade – vivência em assentamentos informais – Um estudo da acessibilidade de percursos urbanos no Conjunto Santa Terezinha em Fortaleza - CE. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2011.

MIRANDA, Vera Lúcia Marcelino. Prefeitura Quer Consagrar Vocação Turística da Área. *O Povo*. Fortaleza, 17. Jul. 1993.

O POVO é história de 12/12/2017. *O Povo*, Fortaleza, 12 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/opiniaio/2017/12/o-povo-e-historia-de-12-12-2017.html>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

PEREIRA, Alexandre Queiroz. *A Urbanização Vai à Praia: Vilegiatura Marítima e MetrÓpole no Nordeste do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 2014

PREFEITURA quer transformar Morro Santa Terezinha em "nova Santorini". *O Povo*, Fortaleza, 21 nov. 2015. Disponível em: <<http://www20.opovo.com.br/app/fortaleza/2015/11/21/noticiafortaleza,3537781/prefeitura-quer-transformar-morro-santa-terezinha-em-nova-santorini.shtml>>. Acesso em: 11 mar. 2018.

RAMOS, Lidiane da Costa. *Mucuripe: Verticalização, mutações e resistências do espaço habitado*. Dissertação (Mestrado em Geografia) Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2003.

SOUSA, Simone de. *et al Uma Nova História do Ceará*. 4ª Ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

SOUSA, Ricardo Alexandre Santos de. Theodoro Sampaio, Um Intelectual Enciclopédico Brasileiro. *In: XX ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA*, Anpuh, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. *Guia de Normalização de Trabalhos Acadêmicos da Universidade Federal do Ceará*. Fortaleza: Biblioteca Universitária, 2013.